



*REP's - Revista Even. Pedagóg.*

Número Regular: Educação e Literatura: saberes, cultura e leitura

Sinop, v. 10, n. 1 (26. ed.), p. 295-305, jan./jul. 2019

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

## O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO COM ALUNOS SURDOS<sup>1</sup>

### THE LITERACY PROCESS WITH DEAF STUDENT

Ivalucia Rodrigues de Almeida

#### RESUMO

Este artigo relata como se dá o processo de alfabetização com o aluno surdo no ensino fundamental. Teve como objetivo analisar o processo de alfabetização do aluno surdo e a metodologia adequada na aprendizagem de leitura e escrita. Para obtenção dos resultados foi utilizado a abordagem qualitativa mediante de observação participante e questionários para três professores em uma Escola Municipal de Educação Básica localizada na cidade de Sinop, Mato Grosso. A pesquisa apoiou-se nos autores Ronice Müller de Quadros e Paulo Freire. Concluiu-se que há a necessidade na sala de aula regular, planejamentos que apresentem atividades visuais de acordo com a realidade do aluno surdo.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Alunos. Surdez.

#### ABSTRACT<sup>2</sup>

This article reports on the literacy process with deaf student in elementary school. It aimed to analyze the literacy process of deaf student and the appropriate methodology in reading and writing learning. In order to obtain the results it were

<sup>1</sup> Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO COM O ALUNO SURDO**, sob a orientação do Dr. Edneuzza Alves Trugillo, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2018/2.

<sup>2</sup> Resumo traduzido pela Professora Mestra Betsemens Barbosa de Souza Marcelino. Professora interina do curso de Letras da UNEMAT/Sinop. Mestra em Estudos de Linguagem pela UFMT/Cuiabá, 2015. Graduada em Licenciatura Plena em Letras, Português/Inglês pela UNEMAT/Sinop, 2013.

used a qualitative approach through participant observation and questionnaires applied for three teachers at a Municipal School of Basic Education located in the city of Sinop, Mato Grosso. The research theoretical foundation was supported by the authors Ronice Müller de Quadros and Paulo Freire. It is concluded that there is a need in the regular classroom for lesson plans that present visual activities according to the reality of the deaf student.

**Keywords:** Literacy. Students. Deafness.

Correspondência:

**Ivalucia Rodrigues de Almeida.** Graduada em Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: [ivaluciarodrigues@gmail.com](mailto:ivaluciarodrigues@gmail.com)

Recebido em: 09 de maio de 2019.

Aprovado em: 31 de maio de 2019.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/3499/2469>

## 1 INTRODUÇÃO

Atualmente, segundo Quadros (1997), o processo de alfabetização do aluno surdo, vem sendo discutido a nível nacional em prol de promover e garantir a inclusão destes no contexto escolar. Ainda em conformidade com Quadros (1997, p. 143) “os surdos têm o direito de ser alfabetizados com a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), sua primeira língua e o Português como segunda língua, para ter a possibilidade de se interagir com os ouvintes e toda a sociedade”.

O interesse pela temática surgiu devido eu ter um filho com deficiência aditiva, perante sua dificuldade em ser alfabetizado em sala de aula regular, tive como objetivo analisar o processo de alfabetização do aluno com deficiência auditiva e os processos metodológicos para facilitar a aprendizagem da leitura e escrita, realizada em duas Escolas Municipais de Educação Básica, Sinop, Mato Grosso, no mês de outubro de 2018.

A abordagem da pesquisa foi de cunho qualitativo. Conforme Triviños (1987, p. 120):

Compreende atividades de investigação que podem ser denominadas específicas. E, por outro, que todas elas podem ser caracterizadas por traços comuns. Esta é uma ideia fundamental que pode ajudar a ter uma visão mais clara do que pode chegar a realizar um pesquisador que tem por objetivo atingir uma interpretação da realidade do ângulo qualitativo.

Foi realizado um questionário padronizado com dois Professores da sala de recurso e um coordenador pedagógico, nos quais responderam de forma objetiva. As análises dos resultados apresentados foram aprofundadas em referenciais teóricos. No final apresento minhas considerações do processo da pesquisa. Para efetivação deste objeto de estudo busquei aportes na Lei Brasileira de Inclusão (2015) e na autora Quadros (1997).

## **2 A EDUCAÇÃO INCLUSIVA**

A educação inclusiva no âmbito escolar em sala regular existe para garantir aos deficientes o direito fundamental da educação igualitária. Incorpora a valorização das diferenças humanas incluindo a diversidade étnica, social, cultural, de gênero, físicas e sensoriais que são comuns a todos os seres humanos. Garante o acesso, a participação e a aprendizagem de todos, não devendo haver exceções (BRASIL, 2015).

A pessoa com necessidades especiais tem os mesmos direitos como qualquer outro cidadão brasileiro, pois conforme o Art. 5º da Constituição Federal (CF) de 1988.

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (BRASIL, 2017, p. 17).

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência ou Estatuto da Pessoa com Deficiência nº 13.146, de 6 de julho de 2015 (LBI), trata de garantir o acesso à informação e à comunicação, além dos direitos fundamentais da pessoa com deficiência, tais como: educação, transporte e saúde, afirmado no art. 8 (BRASIL, 2015).

## **2.1 Função do pedagogo e sua prática em relação ao aluno com deficiência auditiva**

Em Libâneo (2001, p. 06) compreende-se que todo professor/educador se refere a ação da Pedagogia como sendo um campo de conhecimentos sobre “problemática educativa na sua totalidade e historicidade e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa”.

Segundo Boufleuer (2004, p. 315):

A pedagogia [...] tem como sua tarefa precípua a tematização do sentido do humano, reconstruído em cada contexto histórico, e das condições que permitem a sua produção através de processos educativos intencionalmente estabelecidos. [...] podemos entender por pedagogia o campo de estudos que se ocupa dos fundamentos e das condições de possibilidade do encontro de educadores e educandos, em dialético confronto de anterioridade e posterioridade pedagógica. Esse encontro ocorre em função de um saber a ser comunicado, de uma percepção de mundo a ser transmitida.

Diante do exposto, o educador é aquele capaz de construir juntamente com seus alunos um aprendizado voltado para seus interesses e realidades. “Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática.” (FREIRE, 1991, p. 58).

Conforme Freire explicita, o professor no processo de educação, precisa tornar sua ação pedagógica significativa que promova a inclusão, para que isso ocorra o mesmo necessita refletir sobre suas práticas, pois precisa estar em constante mudança e formação, conforme a necessidade do aluno.

Para alfabetizar alunos com deficiência auditiva, o professor precisa ter formação da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), e para obter resultado positivos no processo de alfabetização desses alunos, requer domínio e usos de práticas de ensino inovadoras estudadas no decorrer de sua formação inicial e continuada, desta forma promover a inclusão em sala de aula regular (QUADROS, 1997).

O professor tem uma dupla tarefa, ambas igualmente árduas, ensinar a Língua de Sinais (LIBRAS) e, posteriormente usá-la como instrumento principal para ensinar ler e escrever em Português. Um dos maiores obstáculos para a aprendizagem do aluno com deficiência auditiva é o não domínio de LIBRAS por

parte do professor. Mas, o aluno com deficiência auditiva só poderá exercer seu pleno direito como cidadão se for alfabetizado (BEYER, 2006).

Segundo Fernandes; Moreira (2003, p. 20) é “pela mediação de leitores experientes, a criança ouvinte estabelece relações significativas entre oralidade e representação escrita das palavras. Assim, torna-se capaz de evocar o som e o significado de palavras e sentenças ao perceber visualmente a escrita”. Isso nos leva a concluir que o educador deve dispor de um domínio prático da LIBRAS para que dessa maneira, o educando não se sinta desamparado no processo de aprendizagem.

Goldfeld (1997, p. 106) explica que:

O importante é que todos os profissionais percebem a importância da língua de sinais no desenvolvimento da criança surda. Esta língua é a única que pode ser adquirida espontaneamente pela criança surda, ou seja, em suas relações sociais, nos diálogos, pois, [...] a língua oral requer técnicas específicas para ser aprendida pela criança surda.

Diante do aclarado, podemos compreender da significância de um professor preparado e capacitado para acolher os alunos surdos e desenvolver sua comunicação no meio social.

### **3 ANÁLISE DE DADOS**

Para manter o anonimato dos professores e para o leitor identificá-los nas respostas, aqui denominaremos os professores da sala de recurso de Professor A e Professor B, já o coordenador denominaremos de Professor C. No primeiro momento do questionário, ao professor da sala de recurso unidade escolar questionei se os professores encontram dificuldades para alfabetizar os alunos surdos, se sim, quais?

O Professor A respondeu que:

**(01) Professor A:** A família, materiais adaptados, pouco tempo para fazer um plano diferenciado.

Ao indagar sobre as metodologias desenvolvidas para aprendizagem da leitura e escrita do aluno surdo, foi respondido que:

**(02) Professor A:** São utilizados, bastantes imagens uma vez que eles aprendem pelo meio gestual, visual. Cada aluno é um indivíduo único e diferente e, portanto, cada um tem seu próprio tempo para aprender e este tempo deve ser respeitado pelo professor. O processo de alfabetização demanda planejamento e organização de quem ensina, é necessária diversidade e seqüência nas atividades de aprendizagem.

Quando questionado sobre como são desenvolvidas as práticas de ensino e aprendizagem com os alunos surdos, obteve a seguinte resposta:

**(03) Professor A:** Introduzir a língua de sinais desde a Educação infantil. Quanto a formação, qualificação dos professores que atuam com as crianças surdas. Na sala regular de ensino dificilmente há quem saiba língua de sinais, mas na sala de recurso todos os professores saibam. Que possibilitam uma aprendizagem diferenciada e desenvolvimento da criança e de que as interações entre os alunos surdos com os demais ouvintes ocorrem de forma natural, são bem receptoras.

No que se refere aos aspectos de dificuldades encontradas pelos professores ao ensinar um aluno surdo, o professor A destaca que:

**(04) Professora A:** Primeiramente a família que por vezes superprotege e a ausência da língua de sinais. Dentre as várias situações que sobrevêm a escola, nota-se que o Professor exerce o papel de mediador em sala de aula como por exemplo, em determinada situação os alunos divergem de opiniões sobre o lugar na carteira, exclusão de amizade em determinados grupos de amigos, pertences furtados, discutem sobre a escolha do ajudante do dia (os Professores escolhem um aluno por dia para auxiliá-lo como por exemplo: apagar o quadro, distribuir as atividades empresas, entre outras), a uma longa extensões das ocorrências em sala de aula.

A Instituição pesquisada atende 10 alunos surdos na sala de recurso. Quanto ao número de alunos em sala de aula, conforme a legislação vigente, o Professor A respondeu que:

**(05) Professora A:** Sim o próprio professor cobra por isso.

Os Professores em suas respostas reconhecem a importância da mediação e afirmam que a mesma deve ser utilizada como metodologia para compreender e ajudar da melhor forma todos os envolvidos nos conflitos como afirma Nunes (2014, p. 37): “A mediação permite a solução de conflitos rotineiros através do diálogo e da compreensão e busca a construção de soluções a partir das necessidades dos envolvidos”.

**(06) Professora A:** Ainda não existe inclusão, o que há é uma interação.

O aluno surdo tem as oportunidades de aprendizagem e interação, como os demais alunos, porém, isso depende de cada profissional que atende o aluno.

Ao analisarmos as respostas entendemos que os professores afirmam que o conflito pode ser construtivo tanto para o aluno quanto para o professor. Entretanto é necessário que o mesmo tenha um preparo para fazer essa transformação e quando questionado sobre se o curso de pedagogia prepara o futuro professor para lidar com conflito, se encontram dificuldades para alfabetizar os alunos surdos, responderam que:

**(07) Professora A:** Olha o que me chama a atenção é que fala se muito em inclusão. E nós sabemos que ela, ainda não existe, mas o poder público insiste em dizer que sim. Querem afirmar uma coisa quando na verdade é outra. Ainda precisamos melhorar.

Asfora (2012, p. 36) reforça que:

As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização, com foco pedagógico e não clínico. É

importante lembrar que não deve ser confundido com sala de reforço, e sim como um ensino complementar. Deve ser realizado no turno inverso ao da classe comum, na própria escola ou centro especializado, que realize esse atendimento educacional, a fim de que o aluno não deixe de ter acesso aos conteúdos curriculares e conviver com os seus pares.

A relação entre o processo de alfabetização do aluno ouvinte com aluno surdo.

**(08) Professora B:** É o mesmo processo com o auxílio do interprete na inserção das libras, uma vez que por Lei ensina-se a 1ª libras depois o português.

Percebe-se que a necessidade específica do aluno surdo para que possa ser alfabetizado é de alguém que saiba libras, é fundamental ter fluência em libras. Ainda falta muito para que haja verdadeira inclusão, mas estamos lutando, quebrando barreiras ao inserir o aluno surdo junto com ouvintes, mostrando suas capacidades acima da sua deficiência.

Os professores relatam que encontram dificuldades para alfabetizar os alunos surdos, pois a maioria não conhece e não sabe LIBRAS. A coordenação da escola está sempre em contato direto com os alunos e demais profissionais da escola. Assim tem mais chances de saber como lidar com os sujeitos e a situação.

O atendimento se dá conforme as possibilidades, ressalta o Professor C:

**(09) Professor C:** Nós não temos muitas ferramentas para combater os conflitos que acontece fora de casa, os conflitos internos que ocorre na escola a gente consegue corrigir, coibir, entre outras coisas, a grande maioria dos professores eles resolvem esses conflitos lá na sala só quando tem uma questão assim que extrapola, que daí teve um conflito que partiu para agressão, ai tendem a passar para nos mais a maioria desses conflitos do dia a dia, discordância de ideias eles acabam resolvendo na sala de aula e solicitamos a ajuda na mediação do instituto da crianças.

Durante algumas situações em que estava presente na escola em que desenvolvi a pesquisa, chamava-me a atenção, pois um dos alunos surdos necessitaria de um diálogo mais próximo com os professores. É necessário pensar em propostas para alunos surdos que eliminem do currículo tradicional tópicos



considerados desnecessários, mas reestruturar os currículos escolares no qual todos os envolvidos no processo, desde o construir e elaborar propostas, onde os alunos participem de atividades que lhes permitam adquirir conhecimentos e conceber a ciência não só como processo de busca desses conhecimentos, mas como instituição social que demanda influência em suas vidas.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho buscou estudar o processo de alfabetização do aluno surdo e as metodologias adequadas na aprendizagem da leitura e escrita e assim, analisar os conflitos no ambiente escolar, identificando primeiramente com base em pesquisas bibliográficas e observações que os conflitos além de inevitável são fundamentais para as relações humanas.

Durante todo o percurso da pesquisa em que observamos a sala, construímos neste período saberes que jamais esqueceremos, como por exemplo, ao perceberem a importância dada aos alunos nos momentos em que estava presente em sala de aula. Ao conhecermos a realidade dos alunos, percebe-se a necessidade em propiciar atividades práticas que sejam de acordo com a realidade de cada um, porque é nessa fase que o aluno se percebe como parte integrante do mundo e, dessa forma, necessitam de objetos concretos para a construção de novos conhecimentos.

Por tanto como relata Freire (1996, p. 125) “se pode afirmar ser tão errado separar prática de teoria, pensamento de ação, linguagem de ideologia, quanto separar ensino de conteúdos de chamamento ao educando para que se vá fazendo sujeito do processo de aprendê-los”.

Toda criança possui como direito, um ensino que venha atender suas especificidades, no entanto, para que isso venha a ocorrer qualitativamente é de extrema necessidade que o professor esteja habilitado para desempenhar tal papel, pois caso contrário o ensino não visará à formação integral dessas crianças, e sim apenas uma formação de faz de conta, no qual o professor faz que ensine e o educando faz que aprenda.

#### **REFERÊNCIAS**

ASFORA, Rafaella. O Atendimento Educacional Especializado nas Salas de Recursos Multifuncionais. *In*: SEAL, Ana Gabriela de Souza. **Caderno de Educação Especial: A Alfabetização de Crianças com Deficiência**: uma Proposta Inclusiva. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional, 2012; p. 33-39.

BEYER, Hugo Otto. Da integração escolar à educação inclusiva: implicações pedagógicas. *In*: BAPTISTA, Claudio Roberto. **Inclusão e Escolarização**: múltiplas perspectivas. Porto Alegre: Mediação, 2006. p. 73-81.

BOUFLEUR, José. Pedro. Ciências da educação/ciências pedagógica: a questão do núcleo teórico-prático da educação. *In*: DALBOSCO, Claudio Alves; TROMBETTA, Gerson Luís; LONGHI, Solange Maria (org.). **Sobre filosofia e educação**: subjetividade-intersubjetividade na fundamentação da práxis pedagógica. Passo Fundo: Ed.UPF, 2004. p. 311-321.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 05 dez. 1988.

Disponível em:

<https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoConstituicao/anexo/CF.pdf> . Acesso em: 30 abr.2019.

BRASIL. Lei 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: [http://www.cnmp.mp.br/portal/images/lei\\_brasileira\\_inclusao\\_pessoa\\_deficiencia.pdf](http://www.cnmp.mp.br/portal/images/lei_brasileira_inclusao_pessoa_deficiencia.pdf). Acesso em: 30 abr. 2019.

FERNANDES, Sueli; MOREIRA, Laura Ceretta. Desdobramentos político-pedagógicos do bilinguismo para surdos: reflexões e encaminhamentos. **Revista Educação Especial**, v. 22, n. 34, p. 225-236, maio/ago. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/275/134>. Acesso em: 03 maio 2018.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOLDFELD, Marica. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. 2. ed. São Paulo: Plexus, 1997.

LIBÂNIO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar**, Curitiba, PR. Editora da UFPR: Universidade Federal do Paraná, n.17, p. 153-176, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n17/n17a12.pdf>. Acesso em: 03 maio 2018.

NUNES, Antônio Carlos. **Diálogos e mediação de conflito nas escolas**: guia prático para educadores. Conselho Nacional do Ministério Público, Brasília, DF, 2014. Disponível em:

[http://www.cnmp.mp.br/portal/images/stories/Comissoes/CSCCEAP/Di%C3%A1logos\\_e\\_Media%C3%A7%C3%A3o\\_de\\_Conflitos\\_nas\\_Escolas\\_-\\_Guia\\_Pr%C3%A1tico\\_para\\_Educadores.pdf](http://www.cnmp.mp.br/portal/images/stories/Comissoes/CSCCEAP/Di%C3%A1logos_e_Media%C3%A7%C3%A3o_de_Conflitos_nas_Escolas_-_Guia_Pr%C3%A1tico_para_Educadores.pdf). Acesso em: 04 maio 2019.

QUADROS, Ronice Müller **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre, RS: ArtMed, 1997.

SOARES, Rubem da Silva. **Educação Bilíngue de surdos**: desafio para formação de professores. Dissertação de Mestrado.. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2003.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.